



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MARTA SOUZA DOS SANTOS

DISTRIBUIÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ABERTAS NO YAATHE

DELMIRO GOUVEIA – AL

2019

MARTA SOUZA DOS SANTOS

DISTRIBUIÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ABERTAS NO YAATHE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, como requisito final para aquisição do título de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Fábiana Pereira da Silva

DELMIRO GOUVEIA – AL
2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S237b Santos, Marta Souza dos
Distribuição das vogais médias abertas no Yaathe / Marta Souza
dos Santos. – 2019.
44 f. : il.

Orientação: Profa. Dra. Fábiana Pereira da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal
de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Língua indígena. 2. Vogais médias abertas. 3. Yaathe. 4. Aguas
Belas - Pernambuco. I. Silva, Fábiana Pereira da. II. Universidade Fe-
deral de Alagoas. III. Título.

CDU: 811.87'3

FICHA DE AVALIAÇÃO

Marta Souza dos Santos

DISTRIBUIÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ABERTAS NA LÍNGUA YAATHE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Alagoas, UFAL, como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciada em
Letras/Língua Portuguesa, tendo como
orientadora a Professora Doutora Fabia
Pereira da Silva. Aprovado em
12/12/19

Fabia Pereira da Silva

Profa. Dra. Fabia Pereira da Silva -UFAL (ORIENTADORA)

Banca Examinadora:

Januázele Francisca da Costa
Profa. Dra. Januázele Francisca da Costa - UFAL (EXAMINADORA INTERNA)

Cristiani da Silva Dias
Profa. Ms. Cristiani da Silva Dias - PPGL UFAL (EXAMINADORA EXTERNA)

A Deus e a minha família.

AGRADECIMENTOS

Em meio a tantas tribulações, casos de amor e ódio, cuidado e compromisso, vejo-me agradecendo por algo que tornou parte do meu dia a dia, do meu cuidado. Chegar à conclusão de algo que tanto almeja é gratificante e palavras de agradecimento não conseguem dar conta de tamanha felicidade.

Não posso começar os agradecimentos sem citar aqueles a quem tanto amo, Deus e Maria Santíssima, meus espelhos de carinho, cuidado e amor. Minha família vem em segundo, pois ela, calcada nos planos de Deus, me fez ser o que sou hoje.

Voltando a minha família, agradeço em especial minhas mães – Maria Aparecida e Inês – as quais sempre se doaram a meu favor. A meu pai, Nivaldo, que em meio a tantas dificuldades pôs o alimento na mesa sem medir esforços. A minha irmã Mônica, que me ensina cada dia a ser mais forte. A meus irmãos, Ângelo e Ananias, agradeço os momentos de descontração e felicidade dos quais já partilhamos. A meus sobrinhos, Monique, Mirelly, Cléssio, Bianca e Maria, que fazem minha vida mais feliz.

A meus amigos, que sempre me apoiaram, em especial Arielle, Paloma, Michele, Iolanda e Robson, que, além de amigos e primos, são meus irmãos.

A Silvio, por tamanho amor, cuidado, compreensão e insistência para o término deste trabalho.

A madrinha Simone, que por vezes me acolheu em sua casa, e, com palavras de sabedoria, me ensina o caminho de Deus.

A minha turma “Os letrados” – melhor turma já vista na UFAL – em especial meu grupo de sala e amigas “Letrandas mito”, Camila Araújo, Camila Xavier, Cleanne Greyce e Adriana, pois vivemos vários momentos que ficarão na memória. Destaco especialmente Camila Xavier, com a qual partilho de momentos desde a infância.

A meus colegas de sala, que passei a admirar com o passar do tempo, Eberton, Manoel, Rakel, Mariana e Rejane, desejo um futuro próspero e cheio de garra, aprendi muito convivendo com vocês (em seus dramas).

As caronas recebidas, que foram essenciais nessa jornada diária, nas pessoas de Claudiana, Cláudio e Edileide.

Agradeço aos meus professores por tanta paciência e cuidado em nos transmitir a arte do ensino. Destaco aqui Elyne, Thiago, Márcio, Murilo, e, em especial, Fábria, minha orientadora.

Aos professores Thiago e Fabia, que, no meio acadêmico, me deram o privilégio de participar dos grupos de estudo GEHCE¹ e GELIND².

Agradeço ao projeto do qual participei e me encantei, PIBIC, pelo apoio científico e financeiro, através do qual pude desfrutar da oportunidade única de realizar a pesquisa.

Aos informantes da pesquisa, nas pessoas de Djik (Cícero), Nelma, Telma e, em especial Ivylene, a qual forneceu dados para o presente trabalho. A todos da terra Fulni-ô que nos acolheram e nos mostraram sua cultura tão rica.

A Januacele e Celsa, por nos acolherem em sua casa para realizarmos as entrevistas. E a Dona Maria José, pela hospitalidade.

A Januacele e Fábria, mais uma vez, por tamanho cuidado e dedicação com os estudos do Yaathe.

Sem mais, estou feliz pelo que conquistei até aqui. O caminho percorrido foi árduo, mas prazeroso, e sei que muito trabalho ainda está por vir. Sou imensamente grata por tudo o que tenho e por este trabalho, o qual tanto almejei. O conhecimento que adquiri como pesquisadora, o contato com os informantes, com a cultura, com a língua, irá prevalecer em minha memória.

¹ Grupo de Estudos em História da Cultura Escrita.

² Grupo de Estudos em Línguas Indígenas

RESUMO

No presente trabalho, propomos uma análise das vogais médias abertas na língua indígena Yaathe. Situada em Águas Belas, Pernambuco, a aldeia Fulni-ô carrega em si uma carga cultural de grande relevância para os estudos linguísticos, pois, no decorrer do tempo, percebemos o apagamento das línguas nativas das etnias indígenas do Nordeste, e o povo Fulni-ô preserva tanto sua língua quanto a cultura do povo em si. Realizamos um estudo a partir de coleta de dados *in loco*, com o objetivo de descrever o fenômeno linguístico de que tratamos neste trabalho, a distribuição das vogais médias abertas. Utilizamos teóricos como Silva (2015) e Souza (2017), os quais realizaram um estudo sobre as vogais, análise importante para nosso estudo, já que o mesmo enfatiza nas vogais, a distribuição. Para análise e argumentos gerais acerca do tema, utilizamos os pressupostos teóricos metodológicos de Silva (2011, 2016), Costa (1999, 2015) e Souza (2017). Com relação à pesquisa e decorrência do trabalho, para uma análise prévia, utilizamos palavras existentes no *Banco de Dados do Projeto Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô)*. Em seguida, utilizamos as palavras que coletamos com a informante (ver em anexo), e, a partir da análise, observamos o uso das vogais médias abertas em diferentes ambientes. Os resultados mostraram que ocorrem alguns processos morfofonológicos que geram vogais abertas longas na língua, mas também existem vogais abertas longas que podem ser consideradas fonológicas. Vogais médias abertas /ɛ/ e /ɔ/ – tanto breves, quanto longas – ao entrarem em contato com consoantes nasais, não passam a nasais, simplesmente, mas perdem um grau de abertura, realizando-se como a vogal anterior média alta [ẽ].

Palavras-Chave: Língua Indígena; Yaathe; Vogal Média Aberta.

ABSTRACT

In the present work, we propose an analysis of open mean vowels in the Yaathe indigenous language. Located in Águas Belas, Pernambuco, the Fulni-ô village carries with it a cultural load of great relevance to linguistic studies, as over time we have noticed the erasure of the native languages of the Northeastern indigenous ethnic groups, and the Fulni people. ô preserves both their language and the culture of the people themselves. We conducted a study based on on-site data collection, with the purpose of describing the linguistic phenomenon that we dealt with in this paper, the distribution of open mean vowels. We use theorists such as Silva (2015) and Souza (2017), who conducted a study on the vowels, an important analysis for our study, as it emphasizes the vowels, the distribution. For analysis and general arguments on the subject, we use the methodological theoretical assumptions of Silva (2011), Silva (2016), Costa (1999), Costa (2015) and Souza (2017). Regarding the research and the result of the work, for a previous analysis, we used existing words in the Database of the Yaathe Indigenous Language Documentation Project (Fulni-ô). Then we use the words we collect with the informants (see attached), and from the analysis, we observe the use of open mean vowels in different environments. The results showed that some morphophonological processes occur that generate long open vowels in the tongue, but there are also long open vowels that can be considered phonological. Medium open vowels / ε / and / ɔ / - both short and long - when they come in contact with nasal consonants, they do not simply pass to the nasal, but lose a degree of openness, becoming like the upper middle anterior vowel [ẽ].

Keywords: Indigenous Language; Yaathe; Open Average Vowel.

LISTA DE SÍMBOLOS

/ / Transcrição fonológica

: Alongamento de vogal

[] Transcrição fonética

' Acento principal

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da Região do Estado de Pernambuco	14
Figura 2: Território indígena dos Fulni-ô	15
Figura 3: Os sistemas articulatório, fonatório e respiratório	24
Figura 4: Articuladores responsáveis pela produção da fala	26
Figura 5: Céu da boca	27

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Símbolos fonéticos consonantais.....	27
Quadro 2: Símbolos fonéticos vocálicos.....	29
Quadro 3: Fonemas consonantais do Yaathe.....	31
Quadro 4: Fonemas vocálicos do Yaathe.....	31
Quadro 5: Inventário fonético das consoantes do Yaathe.....	32
Quadro 6: Inventário fonético das vogais do Yaathe.....	32
Quadro 7: Inventário fonológico das vogais do Yaathe, cf. DIAS (2017).....	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Povo Fulni-ô: Falantes do Yaathe.....	14
2 A LINGUÍSTICA E O ESTUDO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS	18
2.1 A Linguística	18
2.2 Linguística Indígena	20
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA.....	23
3.1 Um Estudo sob a Luz da Fonética e da Fonologia	23
3.1.1 Fonética.....	23
3.1.1.1 Segmentos consonantais	26
3.1.1.2 Segmentos Vocálicos.....	28
3.1.2 Fonologia.....	29
3.2 Esboço da Fonologia do Yaathe	30
3.3 Metodologia da pesquisa	33
4 VOGAIS MÉDIAS ABERTAS: RESULTADOS E DISCUSSÕES	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
ANEXO	43

INTRODUÇÃO

A busca por explicações acerca da fala humana, suas composições, historiografia, todos são estudados/fundamentados há muito tempo. Essa busca levou ao nascimento da ciência linguística, na qual encontramos aspectos que nos ajudam/auxiliam e fornece o arcabouço teórico – pressupostos, normas, conceitos, terminologia, hipóteses – para a explicitação das línguas.

No Brasil havia uma diversidade de línguas indígenas, porém, com a imposição e tentativa de padronização da língua, as línguas existentes foram ficando escassas e em decorrência muitas foram apagadas juntamente com seus falantes.

Segundo estudos acerca das línguas indígenas, estima-se que de 1200 línguas existentes nos anos de 1500³, atualmente apenas 180 sobreviveram e continuam lutando para conseguir seu lugar de direito. Dentre as sobreviventes, temos o Yaathe, língua do povo Fulni-ô, que é o objeto deste estudo.

O interesse por este tema surgiu a partir das participações no GELIND⁴, e posteriormente quando foi dada a oportunidade de ingressar como bolsista do PIBIC⁵, projeto no qual realizamos a pesquisa/estudo cujos resultados apresentamos. O fenômeno analisado é a distribuição das vogais médias abertas no Yaathe, sugerido através do projeto por ainda não haver estudos especificamente sobre o tema.

Do ponto de vista metodológico, trabalhamos com base descritivista com a pesquisa de campo, em que coletamos dados através de aparelhos avançados disponibilizados pela FONUFAL⁶. Tais equipamentos nos permitiram uma melhor captura do som e uma gravação de alta qualidade, o que é de se destacar, pois essa propriedade nos garante um melhor trabalho no momento da transcrição.

Os dados para realização da análise foram coletados pelos membros do grupo de pesquisa GELIND, na cidade de Águas Belas-PE, da seguinte forma: a orientadora do projeto selecionou previamente quatro informantes da aldeia para a realização da entrevista, os quais se disponibilizaram primeiramente a responder perguntas tirando nossas dúvidas. A partir das reuniões do grupo de estudo, foram escolhidas palavras

³ Segundo Rodrigues, 2005.

⁴ Grupo de Estudos em Línguas Indígenas.

⁵ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

⁶ Grupo de Estudos de Fonética e Fonologia da Faculdade de Letras, UFAL, Campus Maceió.

e frases a depender da necessidade de cada trabalho. Essas palavras eram ditas por nós em português e repetidas pelos informantes duas vezes em Yaathe. Ao término de cada entrevista, o entrevistado narrava uma história da sua vida em sua língua e posteriormente fazia uma tradução livre para o português.

Os dados gravados em áudio foram arquivados em computadores pessoais. A transcrição do *corpus* foi realizada utilizando-se os símbolos do IPA (Alfabeto Fonético Internacional) e explicações encontradas em Silva (2011, 2016), Costa (1999) e Souza (2017).

Apoiado em estudos de cunho fonético/fonológico, o nosso trabalho os utilizou como guia para discorrer o tema estudado, além de leituras e conclusões acerca da língua em análise, a qual, podemos estudar a partir de pesquisadores/estudiosos da área. Acerca das vogais, embasamos nosso trabalho em Silva (2015) e Souza (2017).

Quanto a organização estrutural, o trabalho está organizado em 4 capítulos apresentados da seguinte forma: o primeiro capítulo é esta introdução, que traz uma breve descrição do povo Fulni-ô; o segundo capítulo traz uma discussão/apresentação da linguística de modo geral e dos estudos da linguística indígena, enfatizando em um tópico as línguas indígenas; no seguinte capítulo, trazemos a fundamentação teórica e metodológica acerca da fonética e fonologia e um esboço da fonologia e do Yaathe, encerrando o capítulo com a metodologia da pesquisa; no quarto capítulo, trazemos nossos resultados e discussões a partir de todo o aporte teórico e metodológico discutido, e, a conclusão.

Entendemos que um estudo sobre línguas indígenas requer do discente/pesquisador um aprofundamento em conhecimentos específicos da língua em estudo, tanto no que concerne à linguística em geral, teorias fonéticas e fonológicas, quanto à história sociocultural dos falantes. Assim, o presente trabalho pretende ser uma contribuição ao estudo das vogais no âmbito de sua distribuição em palavras, fornecendo subsídios para a comunidade de fala, visto que, é um trabalho que salienta a cultura linguística.

1.1 Povo Fulni-ô: Falantes do Yaathe

A aldeia Fulni-ô⁷, localizada no município de Águas Belas, Pernambuco, (ver mapa 1, abaixo), carrega em si uma carga cultural de grande relevância para os estudos linguísticos, pois, no decorrer do tempo, percebemos a escassez/apagamento das línguas nativas das etnias indígenas do Nordeste, e o povo Fulni-ô até os dias atuais preserva sua língua, o Yaathe – que está filiada ao tronco Macro-jê⁸ – e sua cultura, passando de geração em geração, avivando as tradições e histórias tanto para os que habitam na aldeia, quanto para nós, meros pesquisadores.



Figura 1. Mapa da Região do Estado de Pernambuco, na qual está situada o município de Águas Belas. (Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa_de_Águas_Belas_\(2\).png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa_de_Águas_Belas_(2).png))

Localizada dentro de Águas Belas, como dito anteriormente, a terra Fulni-ô tem aproximadamente uma extensão de 11.505,71⁹ (ver mapa 2, abaixo). Terras marcadas por luta e conquista durante muitos anos, preservam sua cultura e mantêm em seu convívio os traços da modernidade. Atualmente, os Fulni-ô estão distribuídos em duas aldeias, uma é a sede, localizada dentro da cidade de Águas Belas; a segunda é a comunidade Xixiakhla, localizada a poucos quilômetros da aldeia sede,

⁷ Significa “o que tem rio”. Isso ocorre devido habitarem nas proximidades do Rio Ipanema.

⁸ Macro-Jê é um tronco linguístico formado por várias línguas indígenas brasileiras. Essas línguas são faladas por povos indígenas que habitam, principalmente, regiões do interior dos Estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Pará, Tocantins, Pernambuco e Espírito Santo.

⁹ Segundo informações da UFPE :(<https://www.ufpe.br/nepe/povos-indigenas/fulni-o>)

no local chamado Supriano. Segundo Silva (2016) essas aldeias são locais de morada permanente, onde se vive durante nove meses do ano, nos meses ademais, os índios vivem no Ouricuri¹⁰, a aldeia sagrada.

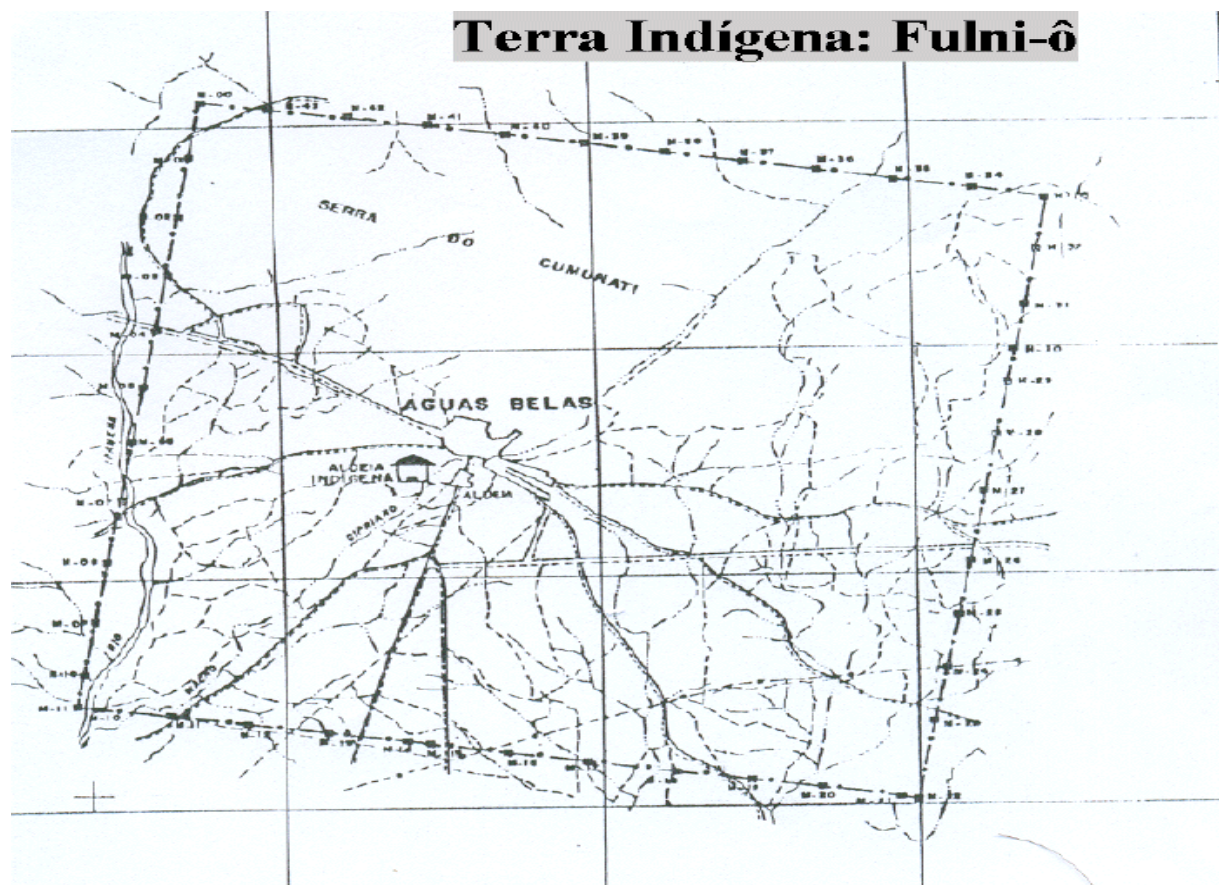


Figura 2: Terra Indígena: Fulni-ô (Fonte: <https://www.ufpe.br/nepe/povos-indigenas/fulni-o>)

Com uma população de aproximadamente 4.000 pessoas, os Fulni-ô mantêm sua língua nativa viva e funcional. Segundo Palácios (1989, *apud* Costa 1999, p. 57) pode-se “afirmar, sem grande margem de erro, que no Nordeste, somente os índios Fulni-ô fazem uso corrente de sua língua, o Yaathe, que exerce plenas funções sociais no seio da comunidade”. Segundo Costa (1999), 91,5% dos índios são falantes ativos ou passivos da língua.

Sabemos que os Fulni-ô, assim como quase todos os índios no Brasil, no decorrer da história, sofreram em busca de seus direitos, tanto com relação à terra, quanto com relação ao cultivo de sua cultura étnica. Costa (1999) destaca que os

¹⁰ Pequena aldeia sagrada em que realizam seus cultos ancestrais.

Fulni-ô foram os primeiros índios a emergirem no Nordeste, sendo assim reconhecidos oficialmente, o que, para a história de lutas por direitos, já se torna uma vitória mais que merecida, apesar de haver demasiadas características de modo geral a serem valorizadas. Seus modos de vivência, sustento, demarcação de terra, tudo advém dessa divisão de direitos, como diz Costa (1999, p.31);

As terras da reserva Fulni-ô, [...], quando demarcadas, foram divididas em lotes que foram entregues a cada índio, individualmente. Por isso, hoje, a maior parte deles vive de arrendar suas terras a criadores e agricultores não índios. Poucos Fulni-ô cultivam a terra ou possuem criatórios. Também muitos poucos têm uma profissão especializada, salvo os técnicos e professores. Há os funcionários da FUNAI, que vivem relativamente bem, alguns comerciantes de gêneros essenciais, prestadores de serviços, como sapateiros, pedreiros, etc. A maior parte, porém, vive de fabricar artesanato em sementes, madeira, palha, principalmente nessa última. Além de utensílios, como vassouras, esteiras, abanos, bolsas, cestos, fabricam também artefatos indígenas decorativos.

Com relação à cultura de modo geral,

A sociedade Fulni-ô caracteriza-se como uma cultura hermética, cuja organização social e rituais religiosos são radicalmente vedados aos não índios. A identidade étnica é rigorosamente preservada e definida de acordo com dois aspectos básicos da cultura: a língua e a religião. A miscigenação, desde que superada por esses critérios, ou pelo critério religião isoladamente, é negada tacitamente: ser índio e, sobretudo, ser Fulni-ô, é saber falar Yaathe e participar dos rituais do Ouricuri – a que a maior parte dos estudiosos escrevendo sobre os Fulni-ô chamam o “culto ao Juazeiro sagrado”. (COSTA, 1999, p. 29-30).

Fabricam artesanatos com sementes, madeira, penas, palhas, dentre outros materiais. Vendem na região e fora, porém, segundo Costa (1999, p.30) o artesanato que é feito com palha está em declínio, “pois a palmeira típica da região, utilizada como matéria-prima, ouricuri (*cocos coronata*), estaria em fase de extinção como consequência do desmatamento desregrado das caatingas e, sobretudo, das serras, onde ela era mais abundante”, o que torna mais difícil o sustento daqueles que só vivem desse trabalho.

Com relação à educação, na aldeia há ensino da língua nativa, o que corrobora para essa perpetuação cultural, porém há também o ensino da língua oficial – Português Brasileiro – como forma de padronizar a escrita para que haja uma aceitação da comunidade, e, para própria comunicação dos indígenas com os vizinhos de terra. É claro que se formos comparar o uso das duas línguas, a que prevalece é o PB, o que poderia favorecer ainda mais o apagamento da cultura linguística da aldeia.

Trabalhos acadêmicos que enfatizam as línguas indígenas são de grande relevância para a história das línguas, já que tomam posse de trabalhos minuciosos e cultivadores na comunidade de fala estudada. Estudar o Yaathe nos possibilita um enriquecimento intelectual e nos beneficia estar/sentir presentes nessa cultura tão vasta e de pouco privilégio na sociedade.

2 A LINGUÍSTICA E O ESTUDO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS

2.1 A Linguística

Ciência que estuda a linguagem humana em diversos aspectos, a linguística, foi e é um componente indispensável para os estudos acerca da língua. Divergem os aspectos de estudo que ela nos proporciona, como o fonético, morfológico, sintático, semântico, além do estudo, evolução e aspectos da língua que ela dá conta. Os estudos acerca dos sons da fala humana são realizados desde muito tempo. Santos (2013, p.23) afirma que, “a fonética se consolidou como ciência e alcançou desenvolvimento como ciência de investigação dos sons da fala na segunda metade do século XIX”, sendo que a linguística no começo deste século já estava sendo discutida e estudada como ciência autônoma. A fonologia surgiu um tempo depois, no início do século XX.

Dentro da linguística temos um vasto caminho de possibilidades para estudar fenômenos acerca da língua. Referente aos sons da fala, temos duas teorias que abrangem o estudo e trazem reflexões: a fonética e a fonologia.

De modo geral, falantes de qualquer idioma indagam sobre o uso e forma como utilizam a sua língua e, como meio científico de explicar tais dúvidas, utilizamos estas duas áreas da linguística que estudam o som da fala e se relacionam por ter o mesmo objeto de estudo, porém partindo de pontos de vista distintos.

Há reflexões desde muito tempo acerca da língua, sobre sua formação, em que consiste, quais os parâmetros e os meios para a sua análise. “(...) na Grécia Antiga, os pensadores estendiam-se em longas discussões para saber se as palavras imitam as coisas ou se os nomes são dados por pura convenção” (ORLANDI, 2009 p. 8), e, ao longo do tempo, formas de explicar ou ao menos dar conta do básico sobre a língua foram propostas.

Na antiguidade clássica, o interesse em estudar a língua surgiu com os gregos, a partir da necessidade de compreender a linguagem humana, como Costa (2015, p. 94) destaca, o interesse referente a esse saber sobre a língua, para eles, era importante por questões “políticas (o grego como língua boa frente às línguas dos demais povos – línguas bárbaras); literárias (análise dos textos clássicos, principalmente os poemas de Homero); retóricas (saber falar)”, dentre outras. No

decorrer do tempo, teorias novas foram se instalando e tentando abarcar as questões da língua, como Orlandi (2009, p. 9), destaca:

Na Idade Média, a reflexão sobre a linguagem teve nos *Modista* e uma de suas manifestações relevantes. Eles procuraram construir uma teoria geral da linguagem, partindo da autonomia da gramática em relação à lógica. Consideram, então, três tipos de modalidades (*modus*) manifestados pela linguagem natural: o *modus essendi* (de ser), o *intelligendi* (de pensamento) e o *significandi* (de significar).

Há um número enorme de fatos que mostram essa atenção que os homens de diferentes épocas sempre dedicaram à linguagem.

Durante muito tempo houve esta preocupação e cuidado em tentar explicar a língua, porém só houve êxito a partir da linguística, ciência recente que tem como objeto a linguagem humana. Tal ciência da linguagem foi criada a partir de estudos para abranger aspectos referentes à língua e compactuar novas teorias.

A linguística não é algo trivial; ela é composta por dicotomias e esferas de ideias distintas que ao longo do tempo foram se constituindo e formando novas concepções dentro dessa ciência da língua. O estruturalismo e o gerativismo, por exemplo, são dois grandes movimentos referenciais para a linguística, tendo como fundadores Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky, respectivamente, que, a partir desses movimentos e através de estudos e discussões, construíram teorias que se tornaram referência para movimentos modernos, pois, se pararmos para observar, é a partir delas que as linhas modernas da linguística se constituem – sendo através de críticas ou favorecimento –, além de estar a nosso dispor para especificar aspectos da língua, bem como refletir e criticar as formas como é tratada.

Dentro da linguística encontramos também a distinção entre a forma (formalismo) e função (funcionalismo) da língua. O primeiro tipo de abordagem privilegia a estrutura interna da língua, enquanto a outra trata da relação do linguístico com o social. Essas vertentes de pesquisa da linguística auxiliam e servem de argumentos para as diversas áreas da linguística no intuito de explicar seus fundamentos.

Atualmente, observamos análises em algumas áreas da linguística, como Sociolinguística, Linguística Interacional, Linguística Funcional e linguística Cognitiva. Cada uma traz em si grande valor científico com relação à língua e seu uso. Por abranger um grande estudo referente à linguagem humana, utilizamos a linguística para observação, análise e descrição de fenômenos linguísticos, e, para explicar tais

fenômenos de modo mais abrangente. Utilizamos dentro das áreas supracitadas as divisões gramaticais que configuram a estrutura de uma língua, como fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica.

Com relação a tais modos de análise da estrutura da língua e no processo de estudo científico da linguagem, entendemos que “é necessário que se tenha uma teoria que fundamente e sistematize as observações que o linguista faz sobre a língua em seus diferentes níveis de análise” (SILVA, 2011, p. 14). Assim, através de tais meios, o linguista/pesquisador pode fundamentar seus objetivos e concluir suas formas de análise, guiando-se pela perspectiva dessa ciência tão vasta, a linguística.

2.2 Linguística Indígena

Antes do período de colonização, no Brasil havia uma riqueza na diversidade de línguas, diferentemente do cenário atual, o que, de modo geral, nos traz uma reflexão e indignação pela perda de tamanha cultura e importância de estudos para tais esferas da vida humana. Segundo Rodrigues (1993, p. 96, *apud* Costa, 2015), “às vésperas da conquista, eram faladas cerca de 1.200 línguas. Hoje o cálculo mais difundido é 350 mil pessoas e 206 etnias. São cerca de 180 línguas, das quais a grande maioria se encontra na região amazônica [...]”, um processo de perda irreparável.

Os povos indígenas sofreram e sofrem – pois é algo comum ainda – o desprezo dos governantes e de demasiado público que não apoia o lugar do outro na sociedade. Antigamente, havia a luta por terra, a exploração e desrespeito para com essa classe, e, nos dias atuais, tal desrespeito e exploração seguem à tona de forma ainda mais inconveniente e torturante, pessoas que seguem uma linha de raciocínio individualista exploram e tomam as terras que por direito são dos povos indígenas, além de visualiza-los como seres inferiores, que, estão aqui apenas como “enfeite” para nossa história.

Divergem os motivos e relevâncias para que haja o estudo das línguas indígenas – e, obviamente sua cultura de modo geral –, pois, as análises linguísticas e estudos culturais trazem subsídios para um estudo aprofundado acerca da compreensão da linguagem humana, já que, “quando uma língua morre, morrem com ela sistemas inteiros de cultura, de crenças e de conhecimento” (COSTA, 2015, p.97),

quão irreparável é esta perda, uma língua que carrega toda uma história e cultura sendo abandonada e esquecida historicamente, assim acarretará em gerações que não terão contato com a história de um povo, de seu povo.

Nas aldeias, quando encontra-se apenas um ou dois falantes da língua nativa, há um apagamento gradual das palavras, expressões e questões gramaticais de sua língua, pois, sentem a necessidade de utilizar a língua padrão para se comunicar com os demais, sentindo-se fragilizados e corrompidos – mesmo que de forma não intencional – pelo seu próprio povo.

A redução de línguas indígenas no decorrer dos anos é assustadora. Antes, como vimos, 1200; atualmente, 180 línguas indígenas são encontradas aqui no país, um processo devastador e violento que se perpetua desde o início da colonização do Brasil. Agora, depende de nós, pesquisadores, trazer a cultura indígena para o meio acadêmico, apoiando-os e retratando o verdadeiro significado de luta e conquista desse povo que é tão desprivilegiado pela sociedade.

Com uma vasta diversidade linguística, o Brasil carrega em si uma carga cultural/linguística de grande relevância, sobretudo para nós enquanto estudantes de Letras. Como sabemos, de 1500 até os dias atuais houve uma perda devastadora de línguas, e, conseqüentemente, essa perda irreparável reflete na história dos povos indígenas, pois são línguas/povos que sofreram até a extinção, não tendo documentação da língua.

O estudo sobre as línguas decorre de anos, mas, segundo Rodrigues (1966, p. 4) com relação aos estudos linguísticos em língua indígena “[...] até há dez anos atrás, eram praticamente todos ignorados para a ciência. Em geral, tinha-se conhecimento apenas de sua existência – de muitos, nem mesmo isto – por informações em regra extremamente superficiais”. Vemos, assim, o quão recente é os estudos sobre as línguas indígenas.

Aqui no Brasil temos dois grandes troncos de línguas indígenas, o Tupi e o Macro-jê, além de famílias linguísticas que, por não apresentarem semelhança com as demais, não podem ser agrupadas aos troncos. Dar ênfase ao estudo destas línguas é importante, pois, de acordo com Rodrigues (1966, p. 4), cada nova língua que é investigada/estudada traz consigo novas contribuições à linguística, visto que cada nova língua é uma outra manifestação de como se pode realizar a linguagem humana.

Vale salientar a importância e necessidade de se estudar as línguas indígenas; cada uma carrega em si uma peculiaridade, e, para isso um estudo fundamentado destas línguas possibilita tanto quanto fornecer *insights* para a teoria linguística geral.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

No presente capítulo, apresentamos os suportes teóricos utilizados em nosso trabalho, observando também os pontos da língua em estudo que interessam ao estudo proposto, bem como os procedimentos metodológicos utilizados.

3.1 Um Estudo sob a Luz da Fonética e da Fonologia

3.1.1 Fonética

Como ciência que descreve os sons da fala, a fonética possibilita a nós pesquisadores um estudo aprofundado referente às descrições, transcrições e classificações desses sons da fala humana. Estes estudos podem ser realizados sob as seguintes perspectivas: fonética articulatória – estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatorio; fonética auditiva – refere-se à percepção da fala; fonética acústica – as propriedades físicas da fala; a fonética instrumental – que tem relação ao estudo das propriedades físicas da fala, mas utiliza instrumentos para descrever essas propriedades.

Na fonética articulatória, estudamos o modo como os sons da fala são produzidos, observando a posição e movimento dos articuladores, que, segundo Silva (2015, p. 24), “podemos dividir em três grupos os órgãos do corpo humano que desempenham um papel na produção da fala: o sistema respiratório, o sistema fonatório e o sistema articulatorio”, como vemos a seguir;

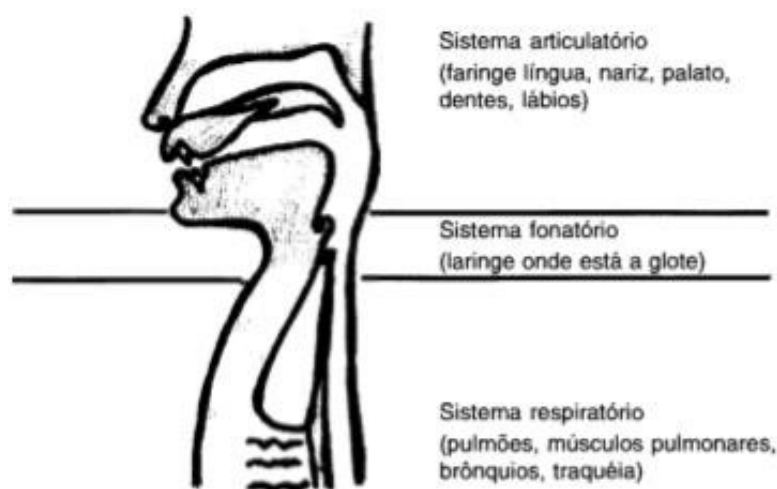


Figura 3: Os sistemas articulatório, fonatório e respiratório. (SILVA, 2015)

Os sistemas acima ilustrados são os que compõem o aparelho fonador, responsáveis pela produção dos sons da fala, tendo cada um suas funções específicas. O sistema articulatório consiste da faringe, da língua, nariz, dentes e lábios; o sistema fonatório é constituído pela laringe, a qual localiza-se os músculos estriados que podem obstruir a passagem da corrente de ar; e, o sistema respiratório consiste dos pulmões, músculos pulmonares, brônquios e da traqueia, o papel fundamental é a produção da respiração, o oxigênio.

Os sons são produzidos a partir do aparelho fonador, o qual destacamos nos itens anteriores, e que, para a fonologia é indispensável, visto que, segundo Silva (2015) os sistemas que caracterizam o aparelho fonador são fisiologicamente responsáveis pela produção dos sons da fala. São necessários outros meios para a produção de sons, como; a corrente de ar (ingressiva e egressiva)¹¹, tem a glote, que “é o espaço entre os músculos estriados que podem ou não obstruir a passagem de ar dos pulmões para a faringe” (SILVA, 2015, p. 27), esses músculos são as cordas vocais, e, de acordo com o modo que a glote opera na produção de um som, podemos dizer que ele é vozeado¹² ou desvozeado¹³.

¹¹ Utilizamos no português a egressiva. “Os segmentos consonantais do português são produzidos com a corrente de ar egressiva” (SILVA, 2015, p. 27).

¹² “[...] quando as cordas vocais estiverem vibrando durante a produção de um determinado som” (SILVA, 2015, p. 27).

¹³ “[...] quando não houver vibração das cordas vocais. Não há vibração das cordas vocais nem ocorre ruído durante a produção de um segmento desvozeado” (SILVA, 2015, p.27).

Temos também o véu palatino ou palato mole e a úvula. É de se destacar que, para observarmos a oposição entre um segmento oral e um nasal temos que atentar na posição do véu palatino, nisso, podemos acompanhar o que acontece com a úvula, já que, localiza-se no final do véu palatino.

Para a produção dos sons, os órgãos do sistema articulatório se dividem em passivos e ativos. Compreendemos por articuladores ativos: “o lábio inferior (que modifica a cavidade oral), a língua (que modifica a cavidade oral), o véu palatino (que modifica a cavidade nasal) e as cordas vocais (que modificam a cavidade faringal)” (SILVA, 2015, p. 30). Já os articuladores passivos são: “o lábio superior, os dentes superiores e o céu da boca que se divide em: alvéolos, palato duro, véu palatino (ou palato mole) e úvula” (SILVA, 2015, p. 31)

Segundo Silva (2015), levando em consideração os aspectos fisiológicos do nosso aparelho fonador, é possível afirmar que nas línguas naturais há um número limitado de sons, pois é “fisiologicamente impossível articular um som em que a língua toca a ponta do nariz”. (SILVA, 2015, p.25). Mais adiante, essa autora enfatiza essa ideia da seguinte forma:

Considerando-se, portanto, as limitações fisiológicas impostas ao aparelho fonador, podemos dizer que o conjunto de sons possíveis de ocorrer nas línguas naturais é limitado. Na verdade, um conjunto de aproximadamente 120 símbolos é suficiente para categorizar as consoantes e vogais que ocorrem nas línguas naturais.

Considerando que seres humanos sem patologia apresentam um aparelho fonador semelhante (variando quanto às dimensões dos órgãos), podemos deduzir que toda e qualquer pessoa sem deficiências fisiológicas seja capaz de pronunciar todo e qualquer som em qualquer língua. Tal afirmação é verdadeira. Porém, parece que na adolescência a capacidade das pessoas de articularem sons novos (de línguas estrangeiras) passa a ser reduzida. [...] O que podemos explicar aqui é o fato de que a maioria das crianças que venham a estar expostas a uma segunda língua falarão esta língua sem qualquer sotaque. Adultos que sejam expostos a uma segunda língua, quase que em sua totalidade apresentam sotaque com características de sua língua materna. (SILVA, 2015, p. 25).

Como dito pela autora, produzimos sons limitados, classificados como consonantais e vocálicos. Esses sons compõem a fala, e, para identificá-los, é necessário entender diversos aspectos das articulações que ocorrem no aparelho fonador. Nos seguintes tópicos, trataremos acerca da produção desses segmentos consonantais e vocálicos que são realizados/articulados através do aparelho fonador.

3.1.1.1 Segmentos consonantais

Como apontado acima, os segmentos consonantais, como os vocálicos, são produzidos pelo aparelho fonador. Segundo Silva (2015), um segmento consonantal é um som produzido quando há algum tipo de obstrução nas cavidades supraglotais, de modo que haja total ou parcial obstrução da passagem de ar, podendo haver ou não fricção.

Para realização dos segmentos consonantais, é importante destacar os seguintes aspectos: i) o mecanismo e direção da corrente de ar; ii) se há ou não vibração das pregas vocais; iii) se o som é nasal ou oral; iv) quais são os articuladores envolvidos na produção do som; v) como a corrente de ar é obstruída nas cavidades supraglotais.

Cada aspecto acima listado é de grande relevância na realização dos sons, pois nos permite entender os lugares de articulação relevantes para a descrição da língua. A seguir, identificamos de modo mais detalhado os articuladores responsáveis pela produção da fala.

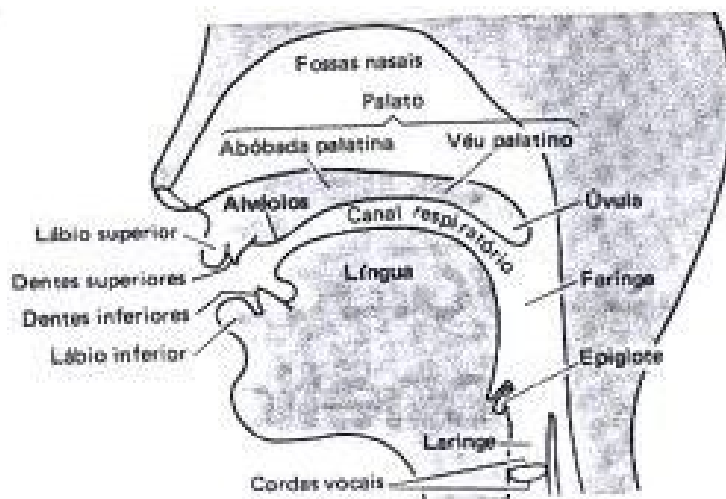


Figura 4: (Disponível em: <https://foneticando.wordpress.com/autor/foneticando/>)

A língua é um articulador que se divide em ápice, lâmina, parte anterior, parte medial e parte posterior. O céu da boca é dividido em alvéolos, palato duro, véu palatino (ou palato mole) e úvula.

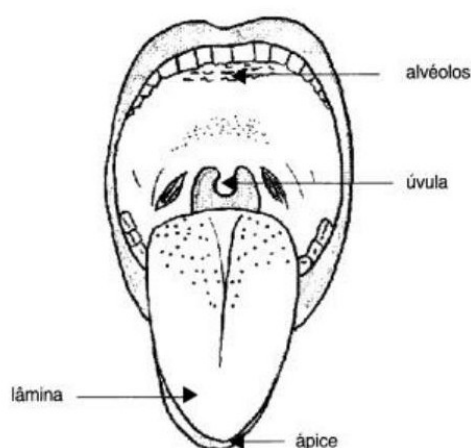


Figura 5: Céu da boca. (SILVA, 2015, p.31)

Para identificarmos e classificarmos os segmentos consonantais, devemos atentar ao mecanismo e direção da corrente de ar, ao grau de vozeamento, a posição do véu palatino e ao lugar e modo de articulação. A descrição, convencionalmente, segue a seguinte ordem: modo de articulação, lugar de articulação, grau de vozeamento. A partir dessa sequência e da tabela fonética consonantal (ver ilustração abaixo), identifica-se o símbolo fonético e a classificação do segmento.

Consonants (pulmonic)

	Bilabial	Labio-dental	Dental	Alveolar	Post-alveolar	Retroflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Glottal
Plosive	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Trill	ʙ			r					ʀ		
Tap or flap		ⱱ		ɾ		ɽ					
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Lateral fricative				ɬ ɮ							
Approximant		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Lateral approximant				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Quadro 1: Símbolos fonéticos consonantais. (Disponível em: AIP:<http://www.internationalphoneticalphabet.org/ipa-sounds/ipa-chart-with-sounds/>)

3.1.1.2 Segmentos Vocálicos

Distinto do segmento consonantal, o segmento vocálico é um som que, ao ser produzido, não há obstrução ou ficção no trato vocal, não tendo interrupção da passagem da corrente de ar na linha central. É necessário atentar para as articulações na realização de tal tipo de segmento, pois, assim como o consonantal, o segmento vocálico é formado e identificado a partir de articulações no momento de execução.

Três aspectos relevantes devem ser levados em consideração: a altura da língua, a anterioridade da língua e o arredondamento dos lábios. Além disso, destacamos também a duração, vozeamento, nasalização e tensão. A altura da língua refere-se à altura ocupada pelo corpo da língua durante a articulação do segmento vocálico. Na descrição desta articulação – no português, por exemplo – é necessário atentar a quatro níveis de altura: Alta (fechada), Média-Alta (meio fechada), Média Baixa (meio aberta) e Baixa (aberta).

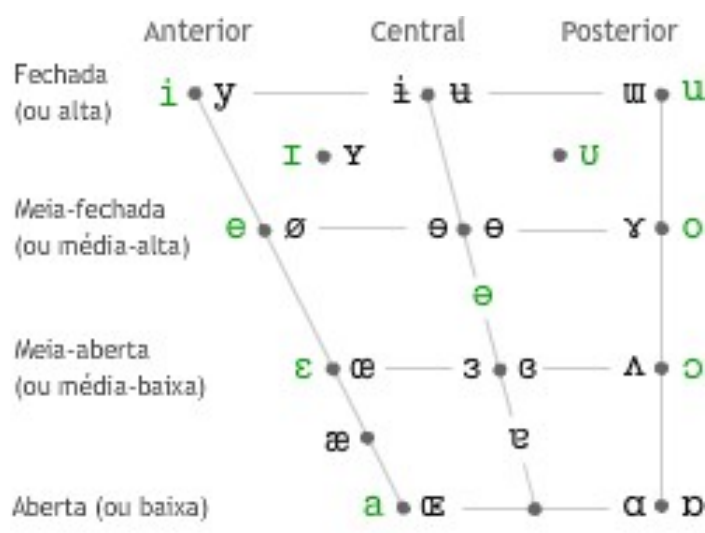
A anterioridade da língua concerne à posição do corpo da língua na dimensão horizontal durante a articulação, e, assim como a altura, ela também é composta por aspectos, neste caso são três posições que podem ser assumidas pela língua: anterior, central e posterior. No arredondamento dos lábios são avaliados o modo como o lábio se encontra na realização, sendo caracterizado por dois aspectos: os lábios arredondados ou os lábios estendidos.

Como dito anteriormente, além dessas articulações principais, há outros aspectos da fonação que podem ser usados para a distinção de sons vocálicos entre si. Sobre a duração Souza (2017, p.52) diz que, “a duração é o correlato acústico que se relaciona ao tempo de produção de um segmento da cadeia de fala. Isso quer dizer que os segmentos podem variar no que diz respeito ao tempo despendido nos movimentos articulatorios.”

A nasalização acontece se porventura durante a articulação de uma vogal ocorrer o abaixamento do véu palatino, pois, parte do fluxo de ar penetrará na cavidade nasal sendo expelido pelas narinas. A tensão caracteriza-se pelo grau de esforço muscular despendido durante os movimentos articulatorios.

Assim como os segmentos consonantais, para identificar e classificar os segmentos vocálicos devemos atentar a três parâmetros: altura + anterioridade + arredondamento. E, a partir desta sequência e da tabela de vogais (ver ilustração

abaixo), podemos identificar o símbolo fonético e classificação desses segmentos.



Quadro 2: Símbolos fonéticos vocálicos (Disponível em: AIP: <http://www.internationalphoneticalphabet.org/ipa-sounds/ipa-chart-with-sounds/>)

3.1.2 Fonologia

A área da linguística que tem por objetivo a interpretação de resultados obtidos através das descrições é a fonologia. Ela descreve a função dos sistemas de som das línguas de acordo com os modelos teóricos disponíveis a partir das descrições fonéticas, definindo quais são os elementos distintivos, seu padrão silábico, processos fonológicos e aspectos acentuais/prosódicos de uma língua específica. Ou seja, à fonologia cabe estudar as diferenças fônicas, estabelecer como se relacionam e as classificar.

O uso da fonologia em estudos linguísticos é indispensável, já que tem como encargo o estudo dos sons, em que “estabelece os princípios que regulam a estrutura sonora das línguas, caracterizando as sequências de sons permitidas e excluídas na língua em questão” (SILVA, 2015, p. 17). Desse modo, torna-se uma área necessária, visto que, não é possível estudar nenhuma língua sem passar por ela. A menor unidade de estudo da fonologia é o fonema.

Destarte, é perceptível que um ponto liga ao outro na formação dos sons, e conseqüentemente, ao estudar os fonemas estamos estudando a constituição das palavras. Sabemos que uma língua possui diversos fonemas, mas não há como saber

o número exato de quantos, pelo fato da variação que existe na língua, tanto no que concerne o próprio idioma, quanto de acordo com a região – pois cada uma tem seu modo distinto de falar.

Desse modo, compreendemos que estas duas áreas da linguística tem um objeto chave, o som da fala, distinguindo-se, porém em sua análise. A fonética tem o objetivo de descrever os sons da fala, enquanto a fonologia, tem o objetivo de observar a função linguística de tais sons, interpretando os resultados obtidos através da descrição fonética.

Referente a essas teorias, há escolas linguísticas que têm grande relevância nesses estudos, dentre elas, a estruturalista e a gerativista. Segundo Souza (2017, p. 15),

a escola estruturalista e gerativista são as duas escolas pioneiras em estudo de natureza fonológica. Há décadas também vêm surgindo outras teorias fonológicas propondo outros tipos de análise para dar conta de novos fenômenos surgidos e que as teorias mais clássicas não contemplaram adequadamente, muito embora aconteça que diferentes teorias contribuam para a investigação de pontos de vistas diferentes para os fenômenos existente nas línguas.

De um ponto de vista estrutural, as línguas são constituídas de unidades organizadas em níveis hierarquicamente dispostos: fonético, nível das articulações dos sons; fonológico, nível das relações dos sons; morfológico, nível da estrutura interna das palavras; sintático, nível das relações das palavras em uma frase; e semântico, nível dos significados.

Nas línguas indígenas, se faz imprescindível o estudo à luz da fonética e da fonologia, uma vez que, a partir de tal estudo compreendemos o sistema linguístico e adentramos juntamente com os falantes na diversidade de sons que uma língua pode construir. Desse modo, esse estudo pretende colaborar com a pesquisa de línguas nativas que muitas vezes se perdem no tempo por não haver um estudo embasado nelas.

Os elementos supracitados acerca da fonética e fonologia nos permitiram observar algumas características na produção do som e descrição de tais sons. É importante destacar que, nosso estudo é realizado na língua indígena Yaathe, e, esses métodos são importantes para compreender as ferramentas embasadas no nosso trabalho. Ademais, analisaremos a gramática do Yaathe, observando primordialmente suas vogais.

3.2 Esboço da Fonologia do Yaathe

No Yaathe, língua a qual estamos estudando, encontra-se “um inventário de 33 fonemas, sendo 21 consonantais e 12 vocálicos”. (SILVA, 2016, p. 12). Observemos

Quadro 1	Labiais		Coronais				dorsal		glotal
			+ant		-ant				
		asp		asp		asp		asp	
Oclusivas	p	p ^h	t	d	t ^h			k	k ^h
Fricativas	f		s		ʃ				
Africadas			ts		tʃdʒ	tʃ ^h			
Nasais	m		n						
Laterais			l		ɬ				
Aproximantes	w				j				

a seguir:

Quadro 3: Fonemas consonantais do Yaathe. (Fonte: SILVA, 2016)

Quadro 2	Labial		Coronal		Dorsal	
	-longo	+longo	-longo	+longo	-longo	+longo
Aberto 1	u	u:	i	i:		
Aberto 2	o	o:	e	e:		
Aberto 3	ɔ		ɛ		a	a:

Quadro 4: Fonemas vocálicos do Yaathe (Fonte: SILVA, 2016)

Com relação aos sons da língua Yaathe, Silva (2011, p.25) apresenta 57 realizações, sendo 33 consonantais e 24 vocálicos

Modos de articulação	Pontos de articulação							
	Labiais		Alveolares		Palatais		Dorsais	Glotais
	surda	sonora	surda	sonora	surda	sonora	surda	surda
Oclusivas	p		t	d			k	
Oclusivas labializadas			t^w	d^w			k^w	
Oclusivas palatalizadas			t^j	d^j			k^j	
Oclusivas aspiradas	p^h		t^h				k^h	
Fricativas	f		s	z	ʃ			h
Fricativa labializada	f^w							
Africadas			ts		tʃ	dʒ		
Africadas labializadas					tʃ^w	dʒ^w		
Africadas aspiradas			ts^h		tʃ^h			
Nasais		m		n				
Laterais				l		ʎ		
Lateral labializada				l^w				
Aproximantes		w				y		

Quadro 5: Inventário fonético das consoantes do Yaathe (Fonte: SILVA, 2011, p. 25)

	Anteriores				Centrais				Posteriores			
	orais		Nasais		orais		nasais		orais		nasais	
Altas	i	i:	ĩ	ĩ:					u	u:	ũ	ũ:
Médias altas	e	e:	ẽ	ẽ:					o	o:	õ	õ:
Médias baixas	ɛ	ɛ:							ɔ	ɔ:		
Baixas					a	a:	ã:	ã:				

Quadro 6: Inventário fonético das vogais do Yaathe (Fonte: SILVA, 2011, p. 25)

No que diz respeito à formação das sílabas, Silva (2016, p. 13) destaca que "O Padrão silábico é (C)(C)V(C), com V podendo ser uma vogal longa. Os seguintes tipos de sílabas são possíveis: V, CV, VC, CVC, CCV e CCVC. A sílaba mínima é V ou V: e todos os segmentos consonantais podem ocupar a posição de onset simples [...]".

Ocorrem diversos processos fonológicos no Yaathe. Costa (1999) destaca os principais, que são "[...] processos de assimilação – desvozeamento, nasalização, palatalização e labialização – harmonia vocálica, alongamento compensatório, apagamentos diversos, tanto de vogais como de consoantes, fusão e elisão de vogais".

3.3 Metodologia da pesquisa

Do ponto de vista metodológico, trabalhamos com a pesquisa de campo, na qual coletamos dados através de aparelhos avançados que nos permitiram uma melhor captura do som e uma gravação de alta qualidade. É de grande importância ressaltar a qualidade da gravação, pois essa propriedade nos garante um melhor trabalho no momento de transcrição e análise.

Antes da coleta, realizamos um estudo a partir da revisão de dados disponíveis em trabalhos de descrição da língua Yaathe (SILVA, 2011; SILVA, 2016), realizando uma reflexão acerca das vogais a partir dos dados contidos nesses trabalhos. Em seguida, foram coletados os novos dados, que foram transcritos e analisados.

Realizamos a pesquisa a partir de uma entrevista, especificamente, com uma informante, índia da aldeia Fulni-ô, falante nativa da língua Yaathe, critério primordial para a pesquisa, já que a análise é sobre sua língua. Para a coleta, utilizamos uma lista de palavras (ver em anexo parte dela) que foram devidamente selecionadas através de estudos com os trabalhos já referenciados. O *corpus* está assim constituído: dados levantados em trabalhos prévios e dados coletados especificamente para este trabalho.

Para iniciar a coleta, conversávamos com a informante na tentativa de criar um espaço harmonioso, deixando-a à vontade na gravação. Havia uma pré-leitura das palavras e explicação de como seria o andamento da coleta. Primeiramente a informante apresentava seus dados sociolinguísticos e autorizava a gravação para a realização do trabalho; em seguida, era dita uma palavra e pedíamos que ela pronunciasse a palavra duas vezes, de modo que pudéssemos entender e confirmar tal palavra dita. Em seguida, foi pedido que ela narrasse uma história breve acerca da cultura de sua aldeia, ou algo que pudesse ter lhe acontecido, para que observássemos se apareciam as vogais médias abertas em palavras que não tinham sido selecionadas.

Os dados gravados em áudio foram arquivados em computadores pessoais. A transcrição do *corpus* foi feita com o auxílio do sistema de transcrição IPA (Alfabeto Fonético Internacional) e explicações encontradas em Silva (2011, 2016), Costa (1999, 2015) e Souza (2017).

É importante destacar que, através da coleta de dados, da pesquisa em campo, desse método experimental, tivemos um contato com o sistema linguístico da língua

Yathe, e, a partir dela, construímos novas reflexões e indagações para complementação deste trabalho.

4 VOGAIS MÉDIAS ABERTAS: RESULTADOS E DISCUSSÕES

No presente capítulo, observamos as vogais médias abertas na língua Yaathe, aparecendo em diferentes posições na palavra sendo desencadeadas por processos morfofonológicos¹⁴.

Com relação à língua em discussão, e, já explanado anteriormente, para realização da análise, utilizamos diversos suportes teóricos, desde a coleta de dados com a informante, até a escrita do trabalho.

No sistema fonológico do Yaathe, ocorrem vogais longas acentuadas, vogais longas não acentuadas, bem como vogais breves acentuadas e breves não acentuadas orais e nasais, algo incomum, conforme afirma Souza (2017). Costa (1999) explica que, com relação aos segmentos longos e às reduções de vogais no sistema dos sons da língua, encontram-se problemas de definição, já que não são encontrados pares mínimos¹⁵.

Ainda com relação às vogais longas, Costa (1999) cita os autores Meland e Meland (1967), em que a partir de estudos no Yaathe entre 1960 e 1961, eles afirmam que vogais longas no Yaathe são resultado do apagamento da consoante glotal /h/ em um travamento silábico. Assim, a partir destas considerações, estes autores não consideram que vogais longas sejam fonológicas. Entretanto, Costa (1999), destaca que, no momento sincrônico a maioria das vogais longas,

[...]passou a fazer parte do sistema fonológico da língua, desde que, embora não criem contrastes, ocorrem sem motivação evidente, quer dizer, sem que se possa prever essas ocorrências, em um bom número de palavras da língua e, basicamente, nas mesmas posições em que são permitidas as vogais breves correspondentes. (p.83).

Dessa forma, entendemos que, as vogais longas antes ditas ser processos morfofonológicos, tornaram-se parte do sistema fonológico a partir dos pressupostos citados acima. Doravante, nossas vogais em análise /ɛ:/ e /ɔ:/, fogem deste padrão e ainda podem ser consideradas alofones, criados por processos morfofonológicos.

¹⁴ Os fundamentos da morfofonologia, de acordo com Schwindt (2006, p. 304), foram propostos por Trubetzkoy (1929) e tratava-se de uma disciplina cujo objetivo era encarregar-se de intermediar as relações entre a fonologia e a morfologia.

¹⁵ Procedimento habitual de identificação de fonemas é buscar duas palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora seja idêntica. As duas palavras constituem um par mínimo.

A partir dos dados da coleta, observamos as seguintes ocorrências das vogais médias abertas /ɛ/ e /ɔ/:

a) elas podem aparecer tanto em início, quanto meio ou fim de palavras:

- | | | |
|-----|------------|----------------|
| (1) | [ɛtʃa'do] | <i>triste</i> |
| (2) | [ɛl'ka] | <i>ruim</i> |
| (3) | [ɔts'ka] | <i>homem</i> |
| (4) | [ftʃɛ'a] | <i>noite</i> |
| (5) | [tʃhɛ'ka] | <i>árvore</i> |
| (6) | [nã:ne'ka] | <i>mostrar</i> |
| (7) | [ktsa'lɛ] | <i>língua</i> |
| (8) | [mɔ:'mɔ] | <i>pimenta</i> |

b) estando alongadas /ɛ:/ e /ɔ:/, observamos que aparecem na posição medial, em fronteira de morfema:

- | | | |
|------|--------------|------------------|
| (9) | [ikɛ:'ka] | <i>eu como</i> |
| (10) | [ɛtʃɔlo:'ka] | <i>esquentar</i> |

c) ainda alongadas, aparecem em raízes verbais, precedendo, sobretudo, o morfema /-ne/:

- (11)
[wɛ:ne'ka] *abrir*
- (12)
[lɛ:ne'ka] *arrancar*
- (13)
[iwɛ:ne'ka] *eu abro*
- (14)
[phɔ:ne'ka] *furar*

d) pode haver também realização das duas vogais (breve/longa) numa palavra:

- (15)
[tʰɛ'tʰɛ] *bico*
- (16)
[khɛ:lɛ'ka] *ombro*

As vogais médias abertas /ɛ:/, /ɔ:/, /ɛ/ e /ɔ/ são, segundo Costa (1999), resultado de processos morfofonológicos, que criam alongamentos compensatórios tanto por fusão de vogais, quanto pelo apagamento de consoantes. É destacado ainda que, “[...] as distinções criadas por essas vogais existem apenas no nível fonético e não são percebidas pelos ouvintes como pertinentes do ponto de vista fonológico.” (COSTA, 1999, p. 85).

Entretanto, os exemplos acima mostram vogais abertas que são fonológicas.

Ainda em relação a vogais abertas, encontramos em Silva (2016, p. 108) a seguinte afirmação: “[...] “o nome [kahni'ɔ] termina em vogal média aberta. Entretanto, ao juntar-se ao morfema /-ne/, essa vogal realiza-se como fechada e nasal, ou seja, o processo de assimilação de nasalidade aí se aplica”, nas vogais longas criadas por alongamento compensatório. Costa (1999, p.98) afirma que vogais médias abertas não aparecem nasalizadas na superfície, como mostram os exemplos a seguir.

(17)

/wɛ:neka/ → [wɛ:ne'ka] *abrir*

(18)

/lɛ:neka/ → [lɛ:ne'ka] *arrancar*

Diante disso, a partir dos dados analisados e devidamente relacionados com teóricos, observamos que ocorrem alguns processos morfofonológicos que geram vogais abertas longas na língua. Outras vogais abertas longas são fonemas na língua.

Nesse ponto, nossos resultados estão de acordo com Dias (2017), que dá para as vogais do Yaathe o seguinte quadro fonológico:

	Anteriores				Centrais				Posteriores			
	orais		nasais		Orais		Nasais		orais		nasais	
Altas	i	i:	ĩ	ĩ:					u	u:	ũ	ũ:
Médias altas	e	e:	ẽ	ẽ:					o	o:	õ	õ:
Médias baixas	ɛ	ɛ:							ɔ	ɔ:		
Baixas					a	a:	ã	ã:				

Quadro 7: Inventário fonológico das vogais do Yaathe, acrescido de vogais nasais

(Fonte: DIAS, 2017, p. 52)

Vogais médias abertas /ɛ/ e /ɔ/ – tanto breves, quanto longas – ao entrarem em contato com consoantes nasais, como é o caso que dos exemplos que apresentamos, não passam a nasais, mas perdem um grau de abertura, realizando-se como a vogal anterior média alta [ẽ].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As línguas indígenas, especificamente a língua em análise, proporciona ao pesquisador indagar, refletir, assimilar e estudar tanto a linguística de modo geral – para que haja entendimento da língua – quanto as questões históricas culturais do seu objeto de pesquisa, pois,

Para se chegar à descrição geral de uma língua, ao que chamamos a gramática da língua, ou para se refinar a análise de aspectos específicos, buscando-se compreender o fenômeno mais detalhadamente, é exigido do estudante um vasto corpo de conhecimentos em teoria linguística e em metodologia de coleta e análise de dados, o que, sem dúvida, leva a uma formação como linguista bastante sólida. (COSTA, 2015. p. 108).

Este estudo nos possibilitou um vasto aprendizado, desde o momento que ingressamos no GELIND, perpassando estudos sobre as línguas indígenas, ensinamentos sobre o uso de aparelhos para coleta de dados, os momentos com os informantes, a realização das transcrições e o ato de escrita deste trabalho. Foi de imprescindível importância o fato de haver ingressado no PIBIC, pois serviu como ponte de conhecimentos para concretizar este estudo.

Em consequência da relação de estudos baseado nas teorias, as vogais médias abertas /ɛ/ e /ɔ/, sendo elas alongadas ou não, resultantes de processos morfofonológicos ou não, necessitam de um cuidado/estudo que adentre com mais especificidade seu interior, já que algumas vogais abertas longas não puderam ser consideradas fonológicas, assim como o fato de essas vogais realizarem-se como vogais fechadas quando se nasalizam na superfície. Esses fatos, além de uma observação fonológica mais detalhada, necessitam de análises fonéticas particulares.

Poder desenvolver um trabalho acerca de uma língua indígena é de grande honra e privilégio, pois o contato com outras culturas nos possibilita um conhecimento intelectual que nos faz crescer e ver além do horizonte de conhecimentos que construímos ao longo do tempo.

Um prisma novo é construído e saber que, após tanto estudo, o trabalho poderá servir de suporte para os demais que virão vem como um novo incentivo a traçar mais caminhos com esta língua. Como já dissemos, há uma riqueza linguística no Yaathe para a qual é imprescindível o estudo e, por essa razão, entendemos que esta pesquisa veio como um meio de retomar estudos acerca das vogais, apesar de haver um amplo caminho a percorrer.

De modo geral, consideramos de grande relevância os estudos aqui realizados para questões de escrita da língua Yaathe, além de corroborar nos estudos da comunidade Fulni-ô, que exploram sua língua no ambiente escolar. No mais, temos plena consciência de que há muito a ser explorado e que adiante poderemos tratar em estudos como este.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Januacele Francisca da. **Descrivendo línguas brasileiras: Yaathe, a língua dos índios Fulni-ô**. Vol. 17. Natal: Revista do GELNE. Vol. 17, 2015.

_____, Januacele Francisca da. **Ya:thê, a última língua nativa no nordeste do Brasil: aspectos morfo-fonológicos e morfo-sintáticos**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Recife, 1999.

DIAS, Crislaini Silva. **A função e o comportamento do traço nasal em Yaathe, língua indígena brasileira**. (Dissertação de Mestrado). Maceió: Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística/UFAL, 2017.

IMAGEM GOOGLE. **Figura da tabela do IPA**. Disponível em: <<https://vignette.wikia.nocookie.net/conlang/images/7/74/lpa-chart-all-1000px.png/revision/latest?cb=20070319214200&path-prefix=pt>> . Acessado em: 10 de outubro de 2018.

IMAGEM GOOGLE. **Articuladores na produção da fala**. Disponível em: <https://foneticando.wordpress.com/author/foneticando/>

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística**. Ed. 2. São Paulo: Brasiliense, 2009.

RODRIGUES, Aryon D ali' Igna. **Tarefa da lingüística no Brasil**. Estudos Lingüísticos, São Paulo, 1 (1): 4-15, 1966.

SANTOS, G.B. **Análise fonético-acústica das vogais orais e nasais do português: Brasil e Portugal**. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

SCHWINDT, L. C. S. A relação entre morfologia e fonologia na história dos estudos linguísticos. In: MARTINS, E. S.; CANO, W. M. MORAES FILHO, W. B. (orgs.) **Léxico e morfofonologia: perspectivas e análises**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

SILVA, Fabia Pereira da. **A organização prosódica da Yaathe, a língua do povo fulni-ô**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2016.

_____, Fabia Pereira da. **A sílaba em yaathe**. Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2011.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10. Ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

SOUZA, Mariana Silva. **Análise Acústico-Experimental da Duração das Vogais em Yaathe**. Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Linguística) –

Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2017

TRUBETZKOY, N. **Zur allgemeinen Theorie des phonologischen Vokalsystems.** Travaux du cercle linguistique de Prague 4, v. 1, p. 39-67, 1929.

ANEXO

Alguns dos dados coletados com a informante:

- 1) Rato [i:saka'lu]
- 2) Deus [e:dʒa'dʷa]
- 3) Água [o:'ja]
- 4) Entortar [ets'dā:kja]
- 5) O que crê ['kfě:ho]
- 6) Eu trabalho[i feetõ:kja]
- 7) Eu boto [i kã:kja]
- 8) Eu sentei [iki:nkia]
- 9) Mostrar ['nã:kja]
- 10) Mundo[e:fitjo]
- 11) Abrir [we:neka]
- 12) Arrancar [lɛ:neka]
- 13) Eu como [ikɛ:'ka]
- 14) Furar [pʰɔ: ne'ka]
- 15) Eu abro [iwɛne'ka]
- 16) Homem [ɔts'ka]
- 17) Árvore [tʰlɛ'ka]
- 18) Nariz [kʰlɛ'tʰa]
- 19) Pescoço [kʰɔ:'ka]
- 20) Língua [ktsa'lɛ]
- 21) Ombro [khɛ:lɛ'ka]
- 22) Noite [ftʰɛ'a]
- 23) Ruim ['ɛlka]
- 24) Quente [tʰɔlʷa]
- 25) Grande ['hɛsa]
- 26) Triste [ɛ'tʃado]
- 27) Igreja ['kleʃa]
- 28) Bico [tʰɛ'tʰɛ]
- 29) Pimenta [mɔ:'mɔ]
- 30) Zombar [wal'kã:kja]

31) Abordar ['stõ:kiã]

32) Satisfeito [tetʃi'dʒõ:kiã]